

A FACE INTELECTUALIZADA DO 'NOVO VERDE': a enciclopédia do integralismo como suporte de autoafirmação democrática¹

Rodrigo Christofolletti

Mestrando em História pela UNESP – FCL - Assis

A partir da segunda metade da década de 1940, verificou-se a abertura de um novo horizonte nas articulações político-partidárias do país. Logo após a derrocada de Vargas, em 1945, siglas foram recriadas, partidos rearticularam-se e, no bojo desse novo cenário, que passou, historicamente, a ser conhecido como “período de redemocratização”, surgiu um partido que, embora estigmatizado por sua atuação anterior, transformou seus princípios políticos, visando à aproximação com o eleitorado que restituía seu direito de voto. Os anos posteriores ao final do Estado Novo caracterizaram-se por um reagrupamento de diversas siglas, dentre elas, a liderada pelo ex-líder integralista, Plínio Salgado.

A reconfiguração da maioria dos partidos, diante a abertura democrática, consolidou um novo perfil político: a democracia exigia a atenuação de uma série de elementos radicais, presentes em muitos dos partidos destituídos com o Estado Novo. Dentro deste bojo de reafirmação partidária, uma sigla em particular se consolidou: o PRP (Partido de Representação Popular), ex-AIB (Ação Integralista Brasileira), que durante os seus dezenove anos de atuação

1. Texto contendo as conclusões preliminares da pesquisa: *A celebração do Integralismo no projeto de uma enciclopédia: O caso da Enciclopédia do Integralismo*. Pesquisa financiada pela FAPESP, sob a orientação da Prof^a Dr^a Tânia Regina de Luca.

parlamentar (1945-64), configurou-se como uma das agremiações políticas mais controversas e atuantes do citado período.

Com uma atuação de retaguarda, centrando foco nas articulações de bastidores da política nacional, o PRP ressurgiu, modificando sua mensagem e seus preceitos doutrinários, no momento em que a atenção da sociedade estava voltada para a reapropriação de uma soma de direitos civis e políticos que lhe havia sido extirpado: dentre eles, a livre iniciativa política, a liberdade de voto e coligações partidárias etc.

Nesta nova etapa, sua maior propaganda política foi a afirmação de uma postura diversa da implementada pelo partido integralista nos anos 30. A partir de 1945, torna-se praxe para o partido afirmar uma postura mais permeável, adequada ao caráter democrático que se consolidara. Se, na sua primeira aparição, o integralismo era basicamente uma agremiação cultural/política que fincava sua práxis no tripé: “Deus, Pátria e Família” - acentuando seu caráter antiliberal e anticomunista, o que lhe valeu indicações de movimento autoritário e antidemocrático -; no seu segundo momento, exposto num cenário absolutamente modificado, as propostas do PRP passaram por uma redefinição. Após a ineficiente atuação partidária nas disputas eleitorais de 45 a 55 – principalmente se comparadas à pujança alcançada pelo partido integralista nos anos 30 –, novas estratégias de avanço e aproximação do eleitorado tornaram-se medidas de ordem para o partido. A posição ocupada pelo PRP no novo jogo político-partidário (centro de coalizão, operante nos bastidores parlamentares) passou a atuar como um convite à rememoração de um passado/recente – dito glorioso –, no qual o movimento ocupara lugar de destaque.

Esta mudança estratégica motivou-se, principalmente, pela decepção com que os partidários integralistas receberam os sufrágios da eleição presidencial de 1955, o que apontou um claro desacordo entre a perspectiva do partido e a realidade eleitoral. Nessa eleição, Salgado saiu derrotado, obtendo o 4º lugar na disputa. Entretanto, a candidatura da liderança integralista configurou uma significativa demonstração de independência partidária.

Concomitantemente a esse episódio decisivo, verificou-se um original direcionamento nas barganhas políticas exercidas pelos representantes das mais diversas siglas. O cenário da época caracterizava-se pelo entusiasmo das siglas de menor representatividade, que, após 1945, adquiriram o direito de concorrer pelas vagas do legislativo e executivo nacional, tendo como candidatos nomes inscritos em suas próprias legendas. Isto significava uma independência partidária que nem sempre surtia o efeito esperado pela agremiação. A articulação dos grandes partidos exercia uma força de atração

que obrigava a esses pequenos partidos diluírem-se em dezenas de siglas de aluguel, o que na prática significava desobstruir os caminhos da disputa eleitoral: menos oferta e menos escolha, em detrimento da permanência e manutenção das grandes siglas.

O caso do PRP não fugiu desse padrão. No entanto, no início dos anos 60, principalmente após a condescendência *perrepista* frente às primeiras articulações do pré-golpe militar de 64, seu papel coadjuvante mudou. Embora confluísse para uma postura arrojada, sua atuação parlamentar não conseguiu sustentar seus projetos, levando o PRP à permanente posição de retaguarda das disposições parlamentares.

Amarrados no parlamento, e desapontados com a receptividade do eleitorado *perrepista*, intelectuais vinculados ao partido incentivaram a promoção de encontros sistemáticos, cujo intuito era projetar uma estratégia de renovação do *modus operandi* da sigla. Esse grupo de intelectuais criou suportes que viabilizaram as manifestações idealizadas pelo PRP. Sua articulação, que era fomentada pela radicalização contra a esquerda e o liberalismo, promoveu uma série de debates e diálogos, que teve como ponto central a proposta de projetos disseminadores da doutrina que, embora permanecessem com reminiscências integralistas, eram matizadas com tons menos radicais.

O PRP, paradoxalmente engessado, não apenas por sua autonomia política que, engatinhava com a indicação de Salgado à presidência em 55, mas pelo próprio jogo democrático, do qual pouco havia desfrutado, decidiu lançar estratégias diferenciadas para se situar no cenário político da década de 50. Implementou um mega projeto publicitário, cujo objetivo cumpria uma desafiante função: celebrar o aniversário dos 25 anos do movimento integralista, comemorado em 1957, sem parecer radical; utilizando-se para isso de um compêndio de escritos cujo caráter abrangente constituiu-se num artifício editorial arrojado e renovador. Seu nome: *A Enciclopédia do Integralismo*.

VERDE EM TONS PASTÉIS

Quando tudo apontava para uma situação na qual o partido integralista não conseguia mais encontrar ressonância no cenário partidário democrático, novas tentativas de reversão deste cenário tornaram-se questões de ordem para o PRP. *A Enciclopédia do Integralismo* surgiu como tradutora dos pensamentos internos do movimento, além de se constituir como a via de ligação entre as reivindicações de seus participantes e o cenário político externo de então.

A proposta de readaptação e reorganização partidária do integralismo, após 1945, e mais contundente após 1957 (ano do jubileu de prata integralista), denotou, portanto, uma renovadora perspectiva publicitária para reaproximar as bases do movimento e articulá-la com as novas faces da política da época. Em outros termos, tratava-se de uma confluência de ideais que possibilitasse ao PRP assegurar seu espaço e sustentar posição de destaque no cenário nacional. Muitos dos antigos correligionários, desestimulados com a insuficiente atuação do PRP, estavam se transferindo para legendas cuja fisionomia se aproximava ao novo ideal *perrepista*: exemplos mais claros, o PSD e a UDN (prova inexpugnável da sua permeabilidade ideológica). Outros radicalizavam, filiando-se às fileiras do PTB.

A análise da constituição da *EI* e da história do partido objetiva demonstrar como ambas as esferas (a primeira, como um suporte de comemoração, e a segunda como centro irradiador da doutrina) continuam ainda hoje sendo entendidas de maneira muito superficial. Exemplo maior dessa superficialidade, no tocante às relações abstraídas da vinculação entre o partido e seus suportes, é que, em São Paulo, desde a década de 60, o PRP continua sendo uma sigla incógnita. Daí a necessidade de se analisar a condução política doutrinal integralista, que em 1957 culminará na publicação da *EI*, segundo seus idealizadores o único *guia no mundo de brumas políticas*³ em que o país se encontrava.

Além disso, o conteúdo presente nos volumes da *EI* demonstrou como a perspectiva adotada por esses intelectuais integralistas abrandou a radicalidade presente na primeira fase do movimento (anos 30). A partir de 1957, data jubilosa para o integralismo, a simbologia de seu 'verde característico' – cor adotada pelo partido na sua primeira atuação – foi reciclada, transformando-se, gradualmente, em tonalidades pastéis, menos carregadas e mais difusas. Com isso, destacamos que o integralismo contido no compêndio procurou mesclar o passado e o presente, o que viabilizou a recepção de seu novo alvitre.

PROPOSTAS DEMOCRÁTICAS OU SUPORTES DE LEGITIMAÇÃO DO PASSADO?

A construção da memória integralista passou por vários estágios. A partir da década de 50, a concepção de registro histórico foi, aos poucos, reinterpretada pelos correligionários do movimento. Por meio da *Enciclopédia*

3. Segundo escritos da própria Enciclopédia do Integralismo, encontrados no 2º e 5º volumes: Depoimentos de ex- correligionários.

do *Integralismo*, tiveram a oportunidade (rara na época) de reavaliar conceitos esquecidos nos liames de sua história, o que viabilizou alguns debates quanto à necessidade de se amenizar a radicalidade ou impertinência de alguns elementos, contidos na original formulação político/doutrinal da legenda.

Nos escritos sistematizados até aqui, registrou-se uma significativa convergência: *a comemoração das bodas de prata do movimento, como uma rememoração de um passado pujante*. Além dessa constatação, destacam-se outros elementos relevantes: a) a organicidade do partido; b) suas posições frente a pontos considerados estratégicos para a nação; c) suas funções, enquanto movimento político/partidário (provedor de matérias as mais diversas); d) sua vinculação com as três instâncias iniciais da formação do partido: a religiosa, a jurídica e a artística. Com esses elementos, a Enciclopédia procurou sintetizar o caminho que o PRP percorreu, até se enquadrar no cenário democrático que se apresentava, revertendo sua posição coadjuvante, em favor de um renovado fôlego político.

Nos três primeiros tópicos, aparecem de maneira elementar a noção de auto-gestão e de contínua rememoração de um passado que, embora recente, não compartilhava mais das mesmas realidades. A organicidade do partido transformou-se, a partir de 1950, o que fez eclodir um novo estilo de se fazer política: a (im)posição da conjuntura redemocratizante foi primordial para esta assimilação de padrões tão renovadores. Uma das mais significativas mudanças verificadas na transformação de sua atuação partidária foi a atuação mais contundente de seus representantes e coligados (em especial o PSD). Se até 1950 o PRP sustentou uma postura de retaguarda política (e aqui, lê-se ausência nas votações e questões de grande vulto, muitas vezes apenas cumprindo o quorum exigido para que a Casa executasse a matéria do dia), a partir da legislatura de 55, essa postura tornou-se mais ofensiva. Avançou nas negociações e articulações e constituiu-se numa sigla convergente⁴ (mesmo atuando nos bastidores políticos). Naquela época, cerca de uma dezena de deputados eram correligionários das alianças *perrepistas*, o que segmentou uma

4. Aqui, a noção de convergência partidária tem relação direta com a proposta de auto-afirmação do PRP. No período mencionado, a sigla apresentou um salto significativo no volume de influência exercida junto aos demais partidos de porte médio, o que elevou o prestígio da sigla. Isto fez aumentar as possibilidades de poder de barganha de seus representantes. Além disso, a notoriedade adquirida com a incorporação dessa noção convergente (força política centrípeta) desincumbiu do partido sua função de coadjuvante do processo eleitoral.

articulação lenta, porém eficaz. Em 1946, o PRP era apenas mais um partido no limbo de tantas outras siglas coadjuvantes do processo democrático. Em dez anos, despontava como uma das grandes forças de retaguarda do tabuleiro político nacional.

Quanto aos pontos estratégicos, os escritos integralistas ainda carregam um ranço antiliberal bastante arraigado, fator que possibilita a seus escritores e idealizadores, elencar supostas saídas para as amarras das especulações financeiras que inviabilizavam a continuação do processo desenvolvimentismo pretendido pelo país, a partir de meados dos anos 50 e 60.

Outro ponto destacado desse conteúdo enciclopédico⁵ trata da auto-reflexão do PRP, com relação a uma *proposta diferenciada* de partido político. A transformação da sua práxis política, verificada nas atuações mais arrojadas de seus representantes, implementou uma releitura de seu ideário, o que favoreceu a permanência da legenda até a dissolução dos partidos, aviltados no pós-golpe militar.

Com relação às três instâncias constituintes do ideário integralista (religiosa, artística e jurídica), os volumes da Enciclopédia distinguem a ação destas da efetiva atuação política do movimento. Na vertente religiosa, comparou sua importância à máxima estabelecida por Salgado quando da criação do movimento: “Orai pela coração integral, mesmo que seja para partição do seu saber...”.⁶ Esta máxima procura ilustrar a posição do integralismo com relação à sua postura religiosa, que, apesar de visceral, respeitava antes a autonomia e primazia da esfera política. A via artística, por sua vez, é a instância mais desprestigiada, nos escritos da Enciclopédia. Porém, as concepções artísticas

5. Apesar da nomenclatura pouco usual, o conceito de ‘conteúdo enciclopédico’ aparece com frequência nos volumes até aqui analisados. Na maioria das vezes, este conceito é apresentado como referência à lógica e clareza existentes nos verbetes da enciclopédia clássica. Isso cria uma vinculação, ou comparação, do ideário presente na Enciclopédia com o ideário iluminista, o que – em partes – poderia explicar a magnificência dessa nomenclatura. Seus idealizadores projetaram um perfil de publicação bastante delineado com os propósitos da comemoração do jubileu do movimento, o que possibilitou a não dispersão do caminho traçado pela Enciclopédia. A proposta era a celebração; e a projeção de um futuro, em detrimento da manutenção de seu passado vitorioso, torna-se, então, a via percorrida pela publicação. Entretanto, a legitimidade da construção desse perfil enciclopédico iluminista clássico merece ser questionada.

6. Salgado, P. “*Por que havemos de ser vários?!...*”. Discurso proferido numa das reuniões da Sociedade de Estudos Políticos, grupo nascedouro da Ação Integralista Brasileira. Publicado na íntegra, em *A Ação*, de 29 de março de 1935, p.19.

elaboradas pelos colaboradores do PRP contribuíram decisivamente, para a consolidação de um padrão simbólico próprio - nos dois períodos de sua atuação partidária. Finalmente, a vitrine jurídica apresentou depoimentos e decisões de membros do poder judiciário, que a seu tempo foram vinculados à doutrina integralista. Grandes nomes do Judiciário nacional depuseram a favor do movimento, o que acentuou ainda mais a natural fisionomia proselitista da *Enciclopédia*.

CONCLUSÃO

A atitude de se produzirem publicações engajadas com a nova perspectiva partidária vigente demonstrou a habilidade dessa plêiade em manejar renovadas ferramentas de doutrinação. Uma prova cabal dessa habilidade foi a publicação da *Enciclopédia do Integralismo*, verdadeiro bastião das reformulações implementadas pelo partido desde 1945. Esse compêndio propunha uma revisitação do ideário integralista no momento em que a inserção do PRP no atual regime democrático dependia de estratégias que funcionassem como anteparos, frente aos abalos sofridos pela sigla. Os dividendos dessa equação seriam os resquícios do ranço pejorativo de seu passado, calcificados na figura institucional do partido. Na visão da oposição integralista, mesmo sob a claridade de um novo horizonte democrático, uma vez integralista, sempre integralista. Esta foi a tônica enfrentada pelos intelectuais vinculados ao partido e ao projeto da *Enciclopédia*.

Para a maioria dos remanescentes integralistas, vinculados ou não ao projeto da *Enciclopédia* e à cacofonia simbólica do partido, uma certeza parece irrefutável: a idéia de se criar uma nova perspectiva doutrinária tem como base dois elementos: a reapropriação de seu conceito de Nação integral, agora mais voltada e aberta à descentralização político/administrativa; e a própria noção de Estado, também mais moderado e menos centralizador. Estas, talvez, as maiores provas da mudança de seu ideário político/simbólico/doutrinal.

Não obstante, reitera-se a proposta de que, a 'face moderadamente esverdeada' desse grupo de intelectuais introduziu uma renovada percepção de propaganda doutrinária, o que se patenteou com esse projeto editorial. A *Enciclopédia do Integralismo* trouxe no bojo de suas discussões a idéia de um suporte democratizante, noção esta atrelada à idéia de celebração. Miguel Reale sintetizou o espírito empreendedor deste grupo de intelectuais numa

de suas frases mais passionais: “*O passado que nos condenava, também nos absolvía...*”⁷.

Embora absorvesse prismas diferenciados e pontos de interpretação os mais diversos, (o que, por vezes instituiu um claro desacordo entre a proposta do projeto e a expectativa do partido), a *Enciclopédia* demonstrou que o PRP, antes de ser entendido como um partido reelaborado, foi um vigoroso depositário de expectativas e experiências entrelaçadas. O saldo da iniciativa enciclopédica foi pago pelas gerações formadas à luz dessa doutrinação, que ainda hoje encaram o conceito de integralismo como algo calcificado pela bandeira antifascista, impermeável a novas interpretações.

A reelaboração de conceitos, outrora cristalizados, parece ter consolidado seu estatuto mutante. No entanto, tal releitura ainda titubeia diante do ranço de um tempo, em que a impermeabilidade dos conceitos, impediu que se contradissesse o amalgamado; a via inicial de um processo de acomodação, que não raras vezes se mostrou na condescendência de quem apenas reproduzia, o que lhe era permitido ou proibido.

Redimensionar o integralismo: esta a leitura da EI, que em seu último volume concluiu: “*A mudança de nós mesmos começa na permissibilidade de quem nos ouve*”.⁸ Este núcleo intelectual sabia da necessidade imperativa de se reavaliar sua práxis política. O conteúdo deste compêndio é a prova mais cabal desse posicionamento.

• • •

7. REALE, Miguel. *Depoimentos jurídicos. Enciclopédia do Integralismo*, vol X.. p.134.

8. DÓREA, Gumercindo R. *Apontamentos finais. Enciclopédia do Integralismo*. Vol XI, p.188.

BIBLIOGRAFIA

CALIL, G. *A Nova face do verde: o Integralismo no pós-guerra e a criação do PRP*. Dissertação de Mestrado na PUC-RS, 1998.

CARTA POGRAMA DO PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR – PRP. Edição da Secretaria Nacional de Propaganda, RJ, s/d.

CHASIN, J. *O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

CAVALLARI, R. M. F. *Educação e Integralismo: um estudo sobre as estratégias de organização da AIB (1932-1937)*. Tese de doutoramento. FEUSP, 1995.

DUTRA, E. *O ardil totalitário. Formação política na década de 30*. Ed. UFMG/ UFRJ, 1997.

LEFORT, C. *A invenção democrática*. São Paulo: Brasiliense, s/d.

MICELI, S. *Intelectuais e classe dominante no Brasil. 1920-1945*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

OLIVERA, L. Lippi de . (coord.) GOMES, A. de C. & WHATELY, M. C. *Elite intelectual e debate político nos anos 50*. Rio de Janeiro: RG, 1989.

ORTIZ, R. *A indústria cultural*, Difel, 1993. V, 1980.

SALGADO, P. *Livro verde de minha campanha*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1956.

SCHWARTZMAN, S. *Bases do autoritarismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Campus, 1982.

TRINDADE, H. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. São Paulo: Difel, 1979.